

Brasília deixa para trás o estigma de cidade administrativa

19 ABR 2002

GAZETA MERCANTIL

Setor de serviços se consolida como vocação econômica da capital

Cintia Sasse e
Fernanda Loureiro
de Brasília

Às vésperas de comemorar 42 anos, no dia 21 de abril, Brasília e suas 19 cidades-satélites espelham transformações que nem o seu idealizador, Juscelino Kubitschek, sonhava. Recordista entre os principais centros urbanos do País, com taxa de crescimento populacional de 2,9% ao ano, entre 1996 e 2000, a capital federal não pode mais ser classificada como uma cidade essencialmente administrativa. Os últimos dados disponíveis do Ministério do Trabalho mostram que o setor de comércio e serviços ultrapassou a administração pública na oferta de postos de trabalho. São 330 mil empregos contra 328 mil, conforme a Relação Anual de Informações Sociais (Rais) de 2000.

Com dinamismo invejável,



essas atividades terciárias respondem por 51,6% do Produto Interno Bruto (PIB) do Distrito Federal, enquanto o setor público federal e estadual participa com 37,29% do principal indicador econômico de geração de riqueza. Essa mudança mostra, na avaliação do consultor econômico Eduardo Starosta, professor de demografia gaúcho que adotou a cidade na década de 90 e mergulhou em suas estatísticas, que “a república dos barnabés conseguiu sua maior proeza: transformar um pedaço de Cerrado num dos maiores centros de consumo e de serviços do País”.

Consumo

O isolamento geográfico associado ao elevado nível de poder de consumo da população (a estimativa atual é de R\$ 13.855,85 de renda per capita), em comparação a outras capitais, induziu o processo migratório e o desenvolvimento de outras atividades econômicas. Esse processo, iniciado na década de 70 com setores tradicionais como comércio e construção civil, ganhou, segundo Starosta, maior complexidade nos anos 80. Na chamada década perdida para a economia nacional, a sociedade brasileira fermentou os indicadores locais, com a exigência de novos serviços, descortinando oportunidades de negócios e descentralizando renda.

Data desse período o início de um novo ciclo de industrialização, com um crescimento expressivo do comércio atacadista e a preparação para a entrada, na década seguinte, dos investimentos em uma “indústria limpa ou não-poluente”, como a informática. Pelos dados do Sindicato da Indústria

da Informática do DF (Sinfor), o faturamento atual de R\$ 2 bilhões anuais rivaliza-se com o da construção civil, o mais tradicional da cidade.

Durante todo esse tempo, a cidade buscou construir a sua própria identidade. Dos 2,043 milhões de habitantes (o correspondente a 1,2% da população brasileira), 45% nasceram no DF, já sem estranhar a falta de esquinas do Plano Piloto e misturando sotaques, sabores e sons de outras regiões do País. Os adolescentes têm gíria própria e contribuem para a avaliação de alguns linguistas de que a cidade possui um sotaque característico, um dos sinais de que o DF molda a sua cultura de modo peculiar.

A última Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) mostram que os mineiros (189.580), como Juscelino, lideram, seguido pelos goianos (149.232), piauienses (124.978) e baianos (112.964). Isso explica em parte a preferência local por feiras parecidas com as nordestinas, o gosto pelo pequi da culinária goiana e pelo tradicional pão-de-queijo mineiro.

Na opinião de um dos empresários mais antigos na cidade, o mineiro Hely Walter Couto, proprietário da Pioneira da Borracha, são pessoas que dificilmente trocariam a capital por outro centro urbano. Mantêm os hábitos e culturas das cidades em que nasceram, mas adicionaram, aos poucos, adaptações hoje próprias do brasileiro. “A vida ainda tranquila nas superquadras e a facilidade de locomoção tão elogiada quando comparada aos congestionamentos de São Paulo são diferenciais importantes. Na economia, o comércio e serviços continuarão entre os carros-chefe, uma vez que a indústria só expandiu na área de tecnologia”, analisa.

(Ver mais na página 4)